

Susanne Gehrman, Kongo-Greuel. Zur literarischen Konfiguration eines kolonialkritischen Diskurses (1890-1910)
Hildesheim: Georg Olms Verlag 2003

José Carlos Venâncio

O objectivo de Susanne Gehrman é averiguar como as atrocidades que foram cometidas no chamado Estado Livre do Congo, colónia privada do rei Leopoldo II da Bélgica até 1908, foram literariamente exploradas no Ocidente e, como tal, proporcionaram a emergência de um discurso crítico do colonialismo. De realçar que este episódio de terror, decorrente sobretudo das condições de trabalho desumanas impostas pelos europeus no Estado Livre do Congo para a exploração de borracha e marfim, não foi contemplado pela literatura congoleza de cariz nacionalista, décadas mais tarde, aquando da emergência deste fenómeno em África. Não constituiu, assim, preocupação dos escritores congolezes aquando do seu *Writing back* (p. 18) denunciar a desumanidade que afligiu o Estado Livre do Congo. Importa ainda recordar, a este propósito, que a preocupação da autora não é tanto estudar ou reconstituir a reacção literária africana ao episódio de terror do Congo ou, mais abrangentemente, ao colonialismo europeu em África, mas sim analisar, na perspectiva da ciência da literatura, o discurso crítico que, no Ocidente, em princípios do século XX, se produziu sobre o Estado do Congo de Leopoldo II, e, mais concretamente ainda, analisar os textos literários que surgiram a propósito do debate então suscitado pelo terror aí desencadeado pela cobiça europeia no contexto da sua discursividade histórica (p.11).

A autora parte de um conceito de discurso fortemente ancorado na concepção foucaultiana do mesmo. Não tendo Foucault desenvolvido a sua concepção em função dos estudos literários e, tratando-se o livro afinal de um trabalho académico no domínio da literatura comparada, Gehrman preocupou-se em relacionar a contribuição de Foucault com a tradição dos estudos literários, recorrendo sobretudo a teóricos da literatura alemães, nomeadamente a Jürgen Link e a Ursula Link-Heer, que, na senda da concepção de discurso de Foucault, desenvolveram o conceito de interdiscursividade. Propõem eles que (...)“cada ‘formação discursiva’ historicamente específica no sentido de Foucault seja

designada como 'discurso especial' e, conseqüentemente, todas as relações transversais que interferem, juntam e integram, etc. vários 'discursos especiais' sejam nomeadas de 'interdiscursivas'" (p. 38)¹.

Vários são os autores analisados, consubstanciando a parte empírica da investigação que conduziu ao livro que, por sua vez, resulta de um trabalho académico. Esses autores são provenientes de contextos literários determinantes para a configuração daquilo que se poderá considerar como o cânon literário ocidental; conquanto a autora não equacione o *corpus* do trabalho nestes precisos termos; refiro-me aos contextos inglês, americano, francês e suíço. Muitos dos autores recensados estavam praticamente esquecidos, pelo que a investigação acabou por, igualmente, assumir um perfil histórico. Mark Twain e Joseph Conrad são, entre os autores recensados, os que granjearam maior fama, contribuindo decisivamente para a formação do tal cânon ocidental (Cf. Bloom 1997: 23). Um romance que se revelou fundamental nesse duplo processo de denúncia (conquanto enigmática²) e de inovação estética foi *Heart of Darkness* (1902) (O coração das trevas; Lisboa: Editorial Estampa 1983/1999)³ de Joseph Conrad, a que Gehrman dedicou, como seria de esperar, uma atenção especial. Outro texto de Conrad igualmente analisado, embora menos conhecido, foi "An Outpost of Progress" (1898). Também este tem sido ultimamente posto em causa no que respeita ao propósito de denúncia do horror que então se vivia no Estado Livre do Congo. Um dos que assim procedeu, encontrando nele elementos racistas, foi o escritor nigeriano Chinua Achebe (p.143).

¹ No original consta: "Wir schlagen vor, jede historisch-spezifische 'diskursive Formation' im Sinne Foucaults als 'Spezialdiskurs' zu bezeichnen und dann alle interferierenden, koppelnden, integrierenden usw. Quer-Beziehungen zwischen mehreren Spezialdiskursen 'interdiskursiv' zu nennen".

² O livro tem sido criticado pelo facto de Conrad ter, no fim, identificado África com o "coração das trevas", apresentando os africanos como simples referentes ou, numa linha mais pós-colonial, como meras coisas. E, na verdade, não se descortina do seu conteúdo qualquer condenação explícita do colonialismo, embora implicitamente seja evidente que o autor ou o seu alter-ego de modo algum subscreveria as acções da personagem Kurtz.

³ Mark Twain redigiu, a esse propósito, o texto *King Leopold's Soliloquy* (1905).

Tendo trabalhado com um conceito de discurso que não se circunscreve à escrita, Gehrman adicionou ao *corpus* analisado elementos iconográficos: fotografias e caricaturas. Este procedimento carece, porém, de um tratamento teórico mais convincente, justificando nomeadamente a sua escolha e a sua relação com o *corpus* principal do trabalho, que é literário. Algumas das fotografias são sobejamente conhecidas; constam, por exemplo, do livro de Adam Hochschild, *King Leopold's Ghost. A story of Greed, Terror and heroism in Colonial Africa* (1998) (O fantasma do rei Leopoldo. Uma história de voracidade, terror e heroísmo na África colonial, Lisboa: Caminho 2001). Aliás, as coincidências entre o livro de Gehrman e este são muitas, conquanto o propósito de Hochschild, um homem ligado à comunicação social e não propriamente um africanista, seja o de pura e simplesmente descrever e denunciar o terror então vivido no Congo e toda a movimentação ideológica e política, a favor e contra, que o episódio despoletou no mundo ocidental. Nele não se desvenda qualquer preocupação de ordem literária, como decorre da intenção de Susanne Gehrman, que escreveu um livro que é sobretudo académico e que, nessa dimensão, levanta um conjunto de questões que o tornam particularmente útil aos que trabalham na área em apreço e em áreas afins. Em primeiro lugar, os procedimentos metodológicos, exemplificando um percurso possível e interessante no âmbito da literatura comparada, conquanto julge que o livro beneficiasse com uma melhor definição do que a autora entende por configuração literária, conceito que, pressupostamente central no percurso analítico proposto, acaba por assumir, no decurso do mesmo, uma função puramente residual; em segundo lugar, a relação que estabelece entre o lado reflexivo e crítico da modernidade ocidental (o de Conrad, Casement, entre outros) e a problemática do pós-colonialismo que, com o seu radicalismo tende não só a ensombrar aquela, como também a esgotar-se conceptualmente enquanto paradigma ou alternativa ao centrismo ocidental vigente e criticável.

Bibliografia

BLOOM, Harold, 1997 [1994], *O cânone ocidental*, Lisboa: Temas& Debates.

